

O TEXTO LITERÁRIO COMO CERNE NA FORMAÇÃO DO LEITOR: A OBRA “COMO NASCERAM AS ESTRELAS” DE CLARICE LISPECTOR COMO FERRAMENTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO¹

Lilliane de Almeida Silva²

Resumo:

Este artigo, realizado através de pesquisa bibliográfica, tem por objetivo discutir a importância do texto literário na formação do leitor, e concentra-se no estudante de ensino fundamental, levando em consideração aspectos da formação do leitor existentes na BNCC. Este estudo adota a concepção de Perrone-Moisés (2016) na defesa da literatura como uma poderosa mediadora entre diferentes culturas, sobretudo, em um contexto globalizado pela informação e pelos deslocamentos humanos. Logo, podemos inferir que o espaço da literatura deve ser preservado, sobretudo pela função humanizadora da literatura na formação do leitor crítico e cidadão capaz de transformar a realidade social. Estudos como os de Cosson (2009), Candido (1999), Manguel (2009), entre outros, também foram fundamentais na construção do arcabouço teórico deste trabalho. Pretende-se ainda evidenciar relevância do desenvolvimento de estratégias de ensino de literatura através do uso do livro *“Doze lendas brasileiras: como nasceram as estrelas”*, de Clarice Lispector.

PALAVRAS-CHAVE: letramento literário; literatura infantil; ensino fundamental.

Resumen:

Este artículo, realizado a través de una investigación bibliográfica, tiene como objetivo discutir la importancia del texto literario en la formación del lector, y se centra en el alumno de primaria, teniendo en cuenta aspectos de la formación del lector existentes en la BNCC. Este estudio adopta el concepto de Perrone-Moisés (2016) en defensa de la literatura como un poderoso mediador entre diferentes culturas, especialmente en un contexto globalizado por la información y el desplazamiento humano. Por tanto, podemos inferir que el espacio de la literatura debe ser preservado, sobre todo por el papel humanizador de la literatura en la formación de lectores críticos y ciudadanos capaces de transformar la realidad social. Estudios como los de Cosson (2009), Candido (1999), Manguel (2009), entre otros, también fueron fundamentales en la construcción del marco teórico de este trabajo. También se pretende resaltar la relevancia de desarrollar estrategias para la enseñanza de la literatura mediante el uso del libro *“Doce leyendas brasileñas: cómo nacieron las estrellas”*, de Clarice Lispector.

PALABRAS CLAVE: alfabetización literaria; literatura infantil; enseñanza fundamental.

¹ Artigo apresentado como requisito de avaliação da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ministrada pela Profa. Valéria Gomes e pelo Prof. Inaldo Soares, do Departamento de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, sob a orientação da Profa. Renata Pimentel Teixeira.

² Graduanda no curso de licenciatura em letras português e espanhol na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)- SEDE, Rua Dom Manuel de Medeiros S/N, Recife- PE

1. Introdução

Numa sociedade cada vez mais digital somos levados a refletir sobre o papel da literatura na formação do leitor. Diante de novos gêneros textuais e formas de expressar opinião, justifica-se que a literatura, sobretudo o cânone, ficou obsoleta devido ao vocabulário antiquado e não corresponde ao cenário social atual.

De fato, não podemos negar que algumas obras possuem um vocabulário que pode soar estranho diante de tantas mudanças naturais pelo uso dos falantes da língua e assimilação de estrangeirismos. Contudo não podemos negar que a literatura possui caráter humanizador e que os dilemas e sentimentos que ela desperta são vivenciados pelos seres humanos de todas as épocas. Ainda discutimos se Capitu traiu Bentinho ou não, por exemplo, aludindo ao canônico romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Os relacionamentos amorosos, os questionamentos acerca de sexualidade, gênero, os limites daquilo que é ético na vida em sociedade, esses entre outros assuntos são retratados na literatura e geram no leitor a identificação e, por vezes, o refúgio necessário.

Este trabalho visa discutir o direito à literatura e o letramento literário promovido no ambiente escolar, através da proposição de leitura de uma obra escolhida dentre a produção, convencionada como para crianças, de Clarice Lispector, e promover o letramento literário de crianças e, por que não, adultos. Utilizando estratégias de ensino em sala de aula, nosso ensejo é demonstrar que a literatura é arte, é viva e deve estar incorporada em nossa rotina. Nosso propósito é demonstrar a importância do texto literário na formação do leitor ainda no ensino fundamental e, sobretudo, entender como o uso de estratégias de ensino de literatura são necessárias para o letramento literário.

A obra, voltada para adultos, de Clarice Lispector, é discutida na academia e reconhecida pelo cânone. Todavia não podemos fazer a mesma afirmação sobre a obra voltada para o público infantil, visto que a crítica historiográfica literária não fornece a atenção devida a esta produção da autora. Através de uma linguagem autêntica, em sua obra infantil, e de uma maneira única de observar o cotidiano, Clarice converge situações corriqueiras em textos com temas instigantes, sem abrir mão dos traços estilísticos, da linguagem refinada que marca sua obra adulta, ou seja, sem subestimar o leitor jovem em formação.

No livro *“Doze lendas brasileiras: como nasceram as estrelas”*, a autora escreve contos que retratam a origem da cultura popular de matriz indígena e o folclore brasileiros. E é através dessa obra que este trabalho pretende estimular a descoberta do universo literário e da riqueza da obra de Clarice Lispector.

2. Leitura literária na formação básica: diretrizes e documentos oficiais (BNCC e PCNs)

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (2017), doravante BNCC, “O texto é a principal unidade de trabalho nas aulas de língua portuguesa e, assim como nos parâmetros curriculares nacionais (PCN), assume a perspectiva enunciativa-discursiva”. Nesse panorama o texto abordado em sala de aula será discutido sob um prisma que transcende o que está em palavras. Levaremos em

consideração, na medida do possível neste exíguo espaço de um artigo, o contexto em que foi escrito, o contexto sócio- cultural dos leitores e as múltiplas vozes que estão ali presentes.

Em virtude dessa conjuntura são beneficiados o letramento literário e os multiletramentos. O texto literário abre novos horizontes ao leitor, quando se trata do cânone, podemos apreciar a estética e conhecer os costumes dos personagens, além do contexto histórico em que estão inseridos. Aliado a isto temos as tecnologias digitais que servem como ferramenta para a formação do leitor, visto que, no mundo digital, esses leitores podem emitir suas opiniões em diversas plataformas da *Web* e utilizar formatos como *podcasts*, *vlogs*, vídeos, resenhas, dentre outros.

Logo, o texto literário promove o desenvolvimento de habilidades citadas na BNCC (2017): “Tornar o estudante capaz de reconhecer traços culturais e contexto sócio-histórico do texto; posicionar-se criticamente e reconhecer as diferenças entre diversos gêneros textuais, participar de práticas de leitura de obras literárias, dentre outras”. No que tange às competências podemos exemplificar: a adesão a práticas de leitura, intertextualidade, reconhecimento dos efeitos de sentidos provocados pelos recursos linguísticos e multissemióticos *etc*, não necessariamente privilegiando o texto escrito em detrimento da oralidade, posto que o texto que é trazido da oralidade também tem seu espaço na literatura.

Acreditamos que a leitura de contos é uma maneira de introduzir os estudantes de ensino fundamental no universo literário; através de estratégias pedagógicas e lúdicas, podemos iniciar o processo de formação do leitor. O professor, porém, deve ser seletivo, visto que:

Contos e crônicas também devem ser cuidadosamente selecionados para não desperdiçar o tempo precioso a eles dedicado em sala de aula. Por serem mais curtos que novelas e romances, devem motivar o leitor pelo modo como apresentam o assunto, exigindo, como o poema, um aprofundamento que leve o leitor à percepção de suas camadas composicionais. São gêneros propícios a uma sensibilização inicial do aluno. (BRASIL, 2006, p. 78-79)

A partir desse contato cauteloso poderemos mediar a relação entre educando e texto literário para que atinja a leitura de fruição e possa assim desenvolver mais facilmente as habilidades esperadas a cada ano escolar, como consta na BNCC. Consoante a BNCC, com a chegada do educando ao ensino fundamental, a escola deve preparar o aluno para os novos horizontes, posto que:

Ao longo do Ensino Fundamental – Anos Finais, os estudantes se deparam com desafios de maior complexidade, sobretudo devido à necessidade de se apropriarem das diferentes lógicas de organização dos conhecimentos relacionados às áreas. Tendo em vista essa maior especialização, é importante, nos vários componentes curriculares, retomar e ressignificar as aprendizagens do Ensino Fundamental – Anos Iniciais no contexto das diferentes áreas, visando ao aprofundamento e à ampliação de repertórios dos estudantes. Nesse sentido, também é importante fortalecer a autonomia desses adolescentes, oferecendo-lhes condições e ferramentas para acessar e interagir criticamente com diferentes conhecimentos e fontes de informação. (BNCC, 2017, p.62)

Cabe, então, à escola e ao educador³ promoverem o cenário que permita que o estudante desenvolva essas habilidades e se torne um leitor que aprecie literatura e outras expressões de arte, além de se beneficiar em suas produções textuais, argumentação e oralidade.

3. Letramento literário e formação docente

A discussão acerca do letramento literário ocorre desde o chão da escola até a academia. Há aqueles que defendem que o texto deve estar a serviço do aprendizado de língua portuguesa, outros acreditam que, para formar o leitor, é necessário apenas oferecer-lhe textos e livros e que o leitor crítico e maduro estará pronto, mesmo que não seja adotada nenhuma estratégia para que isso ocorra.

Para falarmos sobre letramento literário no ambiente escolar, adotaremos a perspectiva de Cosson (2009, p.12): “O processo de letramento que se faz via textos literários”. Uma discussão abordada no meio acadêmico e nos cursos de licenciatura é sobre o espaço da literatura nas aulas de ensino básico. Comumente o espaço relegado à disciplina de literatura dispõe de 50 minutos de aulas, depois que é visto o conteúdo de gramática semanal.

Nas instituições de ensino superior, os licenciandos em Letras aprendem que o texto é a principal ferramenta de ensino da língua portuguesa e suas literaturas. Contudo, o que observamos no livro didático é o uso do texto como um pretexto para o ensino de regras gramaticais. Acreditamos que o texto literário é ferramenta fundamental na formação do leitor e concordamos com Perrone-Moisés quando argumenta a favor do ensino de literatura:

Porque ensinar literatura é ensinar a ler e, nas sociedades letradas, sem leitura não há cultura; porque a capacidade de leitura não é inata, mas adquirida; porque os textos literários podem incluir todos os outros tipos de texto que o aluno deve conhecer, para ser um cidadão apto a viver em sociedade; porque os textos literários são aqueles em que a linguagem atinge seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação(...)porque a literatura é instrumento de conhecimento do outro e autoconhecimento. (PERRONE-MOISÉS,2016, p.66)

Em outras palavras, o ensino de literatura justifica-se não apenas pela infinidade de possibilidades que a apreciação do texto literário traz, mas também pela razão de que é através dela que o leitor pode experimentar realidades diferentes da sua através da riqueza da linguagem verbal e das emoções que ela é capaz de produzir/ provocar em si e no outro.

A realidade observada na maior parte dos livros didáticos é a de que há um roteiro que discorre uma linha temporal sobre a história da literatura, a estética de cada uma das escolas literárias e algum trecho de texto literário para dar exemplos. Além disso, são apresentadas listas de autores que se encaixam nessa ou naquela

³ Claro que sabemos o quanto o ambiente familiar é importante na criação e fomentação do hábito de leitura, e a escola/ os docentes também precisam ter isso em mente e tentar estimular a família a tomar parte nessa tarefa de formação de leitores (também se formando como adultos leitores), mas nem sempre a escola consegue a adesão familiar nesse processo e não pode se furtar a fazer sua parte no âmbito formal educacional.

escola literária. O aluno é privado de conhecer a totalidade do texto, de descobrir como aquele autor conversa com outros autores, e também com o leitor, através do que está dito e das entrelinhas do texto.

As atividades e discussões propostas nos livros didáticos visam apenas analisar métricas de poemas, destacar características da escola literária estudada naquele capítulo e não se aprofundam no que há de mais atraente no texto literário, o enredo, a *psique* dos personagens, seus conflitos e a humanidade presente no texto literário. Antonio Candido alega que:

A literatura pode formar, mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa – o Verdadeiro, o Bom e o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço de sua concepção de vida (...). (CANDIDO, 1999, p.84)

Em outras palavras, entendemos que a literatura retrata aquilo que é humano, em suas potências e em suas precariedades. Somos compostos de diversas facetas, algumas admiradas e aceitas pela sociedade, tomadas como exemplo para o que é justo e moral; outras precisam ser escondidas a qualquer custo, assim como o retrato que *Dorian Gray*⁴ oculta por saber que seria julgado pelos atos, a imagem contida no retrato reflete o interior de um homem que, antes de mais nada, vive apenas para desfrutar o prazer e importa-se somente consigo.

Através do texto literário o leitor depara-se com o mundo de ficção, de possibilidades e realidades que ele pode experimentar através do personagem. Compartilhar dos sentimentos e pensamentos do outro e refletir sobre seus próprios dilemas ou o que faria se estivesse na mesma posição. Na visão de Candido:

Muitas correntes estéticas (...) entendem que a literatura é sobretudo uma forma de conhecimento, mais do que uma forma de expressão (...) a obra literária significa um tipo de elaboração da personalidade, e do mundo que possui autonomia de significado, mas que esta autonomia não a desliga das suas fontes de inspiração no real, nem anula a sua capacidade de atuar sobre ele. (CANDIDO, 1999, p. 85-86).

Sendo assim, podemos inferir que, assim como o texto literário retrata recortes da realidade, por vezes, possui também autossuficiência para conceber outras realidades e ressignificá-las; influenciando inclusive no mundo sensível. A experiência de vivenciar a existência em outros lugares, épocas e classes sociais traz para o leitor a possibilidade de confrontar todas essas existências com a sua,

⁴ A obra "*O retrato de Dorian Gray*" de Oscar Wilde foi publicada em 1890. O romance retrata a vida de um jovem que faz um pacto no qual abre mão de suas virtudes para desfrutar de juventude eterna e prazeres sexuais. A obra foi alvo de censura por expor a hipocrisia e falso moralismo vigentes na sociedade inglesa vitoriana cujos costumes não se distanciam daquilo que Wilde descreve. De caráter filosófico, o texto assume caráter hedonista na exaltação do prazer absoluto. A metáfora relacionada ao retrato do protagonista denota que mesmo aquilo que é feito de maneira oculta e duvidosa traz consequências para o eu. Dorian Gray não deixa transparecer em seu exterior sua maldade, posto que conserva sua aparência angelical. Porém o retrato demonstra a verdadeira face do homem perverso que o rapaz se tornou com o passar dos anos ao manipular as pessoas em seu círculo social em benefício próprio.

colocando-se no lugar do outro. Assim pratica um exercício de empatia, sentimento necessário para a formação cidadã.

Outro fator importante na formação desse leitor é a biblioteca escolar⁵, a maioria delas corresponde a espaços onde há muitos livros didáticos e um acervo limitado de obras literárias à disposição e alguns livros clássicos e imponentes com capa dura, letras douradas no título, folhas amareladas e lombada intacta indicando a falta de manuseio. Na maioria das escolas a biblioteca se torna uma sala silenciosa de estudos, não há um projeto direcionado para formação de leitores, não há um profissional capacitado para tirar dúvidas sobre as obras ali presentes, menos ainda um ambiente de adesão afetiva, empolgação pela atividade lúdica da leitura, o que, efetivamente, é aspecto fundamental para a “contaminação” a outros leitores.

O ato de ler vai além da decodificação do código da escrita, o leitor deve ser capaz de refletir e questionar aquilo que lê e como a sociedade está representada naquela obra. No capítulo “*Como Pinóquio⁶ aprendeu a ler*” presente na obra *À Mesa com o chapeleiro maluco: ensaios sobre corvos e escrivainhas* (2009), de Alberto Manguel, o escritor pondera sobre como a alfabetização do boneco de madeira visa torná-lo um bom cidadão.

O autor reflete também sobre a natureza do boneco e sua rebeldia que assinala a individualidade daquele ser. A escola que o tornaria “menino de verdade”, quando lhe ensinasse a ler, retira suas peculiaridades e padroniza sua índole para que satisfaça o que a sociedade requer. A escola de Pinóquio visa apenas ensiná-lo a ler de forma superficial para que assim possa obedecer a regras, não há afetividade, imaginação e nem espaço para criatividade ou mudança de perspectivas em relação ao que o mundo pode oferecer. Pinóquio, então, segundo o olhar proposto por Manguel, torna-se apenas um sujeito obediente.

Acreditamos no caráter contestador do leitor crítico, concordamos com Manguel (2009, p.47) quando reitera que, “A linguagem permite ao falante permanecer na superfície do pensamento, repetindo slogans dogmáticos e lugares comuns (...) ou pode ajudá-lo a explorar em profundidade uma ideia”. Sendo assim, o simples ato de ler sem refletir ou questionar aquilo que é dito serve inteiramente apenas para impor dogmas e valores ao educando.

Numa sociedade cada vez mais imediatista não há tempo para a leitura e contemplação. Com o advento das redes sociais e o bombardeio de notícias na mídia, temos cada vez menos tempo para processar as informações que consumimos e nos tornamos reféns das opiniões daqueles que difundem essas explicações sob o próprio viés ideológico. Logo, a ausência de projetos voltados para leitura não caracteriza apenas um déficit na formação cidadã do educando, é também um projeto político para tornar o cidadão cada vez mais alienado e manipulável.

⁵ Aqui ainda mencionamos o contexto de um mundo anterior à pandemia de COVID 19; na realidade das Bibliotecas físicas, presenciais. Após o retorno à rotina presencial, imaginamos que haverá algumas adaptações digitais incorporadas a esta realidade das Bibliotecas, algo que já se fez necessário desde o advento da pandemia mencionada.

⁶ Personagem famosa do mundo da literatura infantil, na tradição europeia, mas traduzida para várias línguas e lançada em várias partes do mundo, a obra original em que foi criada a personagem do boneco de madeira Pinóquio é *As Aventuras de Pinóquio*, do italiano Carlo Collodi, publicado em 1881.

Justifica-se, então, a falta de investimento em educação com ausência de verbas; os livros se tornam cada vez mais inatingíveis. Manguel (2009, p.42) declara que: “Numa sociedade em que as necessidades básicas do cidadão não são atendidas, os livros são um alimento pobre; mal utilizados, podem ser mortais.” Ou seja, quando uma sociedade não tem acesso à saúde, ao alimento e à educação, não há meios para promover o letramento, visto que o acesso aos livros também é limitado. O professor, então, fica subjugado à falta de recursos que os educandos e a escola enfrentam, além de um panorama que privilegia determinados gêneros textuais e conteúdos que estão presentes em exames e avaliações.

De acordo com Manguel (2009, p.47): “O professor está sempre preso a esse duplo cego: ensinar os estudantes a pensar por conta própria, mas ensinar de acordo com a estrutura social que impõe um freio ao pensamento.” Diante dessa realidade o profissional se divide entre transmitir suas convicções através da prática docente e obedecer às regras impostas pela instituição e sociedade para que possa sobreviver no mercado de trabalho.

Como conciliar, então, o que é visto na graduação com a realidade vivenciada no âmbito profissional? Devemos apresentar aos alunos a magia do mundo da literatura, a experiência de poder viver diversas vidas e aventuras através do texto, isto é, precisamos poder, através de experiências seculares e as mais diversas possíveis, reafirmar nossa identidade cultural. Cosson declara que:

Na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e expressar o mundo por nós mesmos. (COSSON, 2009, p.17)

Ou seja, a literatura escolarizada vai além do que está descrito na grade curricular da instituição de ensino. O processo de letramento literário vai além do espaço da sala de aula, ele pode ocorrer na biblioteca, na residência do aluno, no cantinho da leitura, e esse processo deve ir além do tempo estipulado na grade curricular.

Para discutirmos o letramento literário em sala de aula precisamos debater a formação desse professor, visto que é ele quem elabora os projetos didáticos e seleciona os textos que chegarão até os alunos. Em “*Letramento literário: teoria e prática*”, Cosson (2009, p.32) reitera: “O professor é o intermediário entre o livro e o aluno, seu leitor final. Os livros que ele lê ou leu são os que terminam invariavelmente nas mãos dos alunos”.

Sem dúvida, é natural que os professores indiquem a seus alunos textos com os quais têm familiaridade e expressam algum discurso que o profissional quer levar para sala de aula, contudo a repetição da leitura de obras sem contextualização de debates e sem levar em consideração a conjuntura social e realidade vivenciada pelos alunos não gera identificação dos alunos com o texto literário. No atual cenário de pandemia de Covid- 19, por exemplo, a leitura do clássico “*Ensaio sobre a*

*cegueira*⁷ (1995) de José Saramago pode gerar discussões sobre como os valores sociais se alteram, quando o ser humano busca sobreviver.

O profissional de educação precisa estar atento aos interesses de seus alunos, ao cenário social em que estão inseridos. A leitura de obras do cânone não deve ser repudiada devido à faixa etária dos educandos, por exemplo; no entanto, não pode ser a única diretriz de acervo. É necessário que o professor seja mediador dessa leitura e desenvolva atividades que lhe permitam acompanhar a evolução da leitura dessas obras e aproveite o ensejo para debater temas transversais em sala de aula, ouvindo os educandos, conectando essas obras a outras mais recentes que tenham temas, aspectos estéticos ou discussões afins, por semelhanças ou diferenças.

Promover debates em sala de aula pode ser uma estratégia para acompanhar o ritmo de leitura da turma, porém, é importante que o professor ouça seus alunos e suas percepções, para que o que deveria ser uma atividade de troca de vivências não se torne uma imposição das percepções do educador. Podemos, por exemplo, utilizar o conto “negrinho do pastoreio”⁸ de Clarice Lispector, que está presente na obra escolhida neste artigo, para debater com os alunos acerca da exploração do trabalho infantil, da consciência de classe e da violência sofrida pelos negros no período da escravidão e como esse preconceito e violência ainda reverberam na sociedade no século XXI.

As estratégias para formação de leitores são variadas e pode-se estudar o texto literário de forma lúdica, explorar suas faces múltiplas. O velho livro guardado na biblioteca pode e deve ser instrumento para essas atividades; antes mesmo de fazer a leitura, os alunos podem investigar as particularidades presentes na capa, orelha e prefácio da obra. Vale salientar que essas estratégias de leitura desenvolvidas em sala de aula devem obedecer a um planejamento prévio criado pelo professor. Veremos isso mais claramente ao abordarmos, no próximo tópico, o livro aqui escolhido como foco de estudo, *Doze lendas brasileiras: como nasceram as estrelas* (1977).

⁷ No livro “*Ensaio sobre a cegueira*”, José Saramago retrata uma sociedade que enfrenta a proliferação de uma doença levando as pessoas à cegueira. A evolução do espalhamento da doença leva o governo a tomar uma série de medidas tais como: bloqueio de fronteiras, racionamento de alimentos e confinamento. Saramago demonstra então como as condições sociais modificam a conduta dos personagens. Devido a pandemia de Covid-19 vivenciamos uma situação semelhante à dos personagens no que tange às medidas tomadas pelos governantes e ao egoísmo de uma parcela da elite da sociedade que visa apenas o enriquecimento e benefícios pessoais.

⁸ A lenda original do Negrinho do Pastoreio é uma mistura de cristianismo e das religiões de matriz africana, nascida no sul do Brasil, como uma triste lembrança do sofrimento dos negros escravizados. Um menino negro é punido por um fazendeiro cruel após perder um de seus cavalos. O menino é açoitado, amarrado e abandonado num formigueiro. Na manhã seguinte, o fazendeiro voltou à cena e encontrou o menino deitado ao lado de Nossa Senhora, então ele se ajoelhou e implorou por misericórdia. Com a bênção da santa, o menino montou um cavalo e galopou nos Pampas, as pessoas até hoje rezam para ele quando precisam encontrar alguma coisa perdida. Clarice reescreve a lenda de maneira bem próxima ao que é narrado tradicionalmente, contudo a autora dá seu toque pessoal à narrativa quando intima o leitor a refletir se o bem vence o mal todas as vezes e partilha com o mesmo que não é desse modo que as coisas acontecem no mundo real.

4. A obra de Clarice Lispector na formação do leitor

Já possuindo o *status* de uma escritora consagrada para o público adulto, a pedido de seu filho Paulo, Clarice escreve sua primeira obra voltada para o público infantil, *O Mistério do Coelho Pensante* (1967). Depois de lançar-se nesse primeiro projeto, a autora publicou outros livros voltados para literatura infantil, dentre eles *Doze lendas brasileiras: como nasceram as estrelas* (1977).

A obra traz uma atmosfera mítica que mescla a afetividade e cumplicidade com que a autora envolve o leitor. Clarice (1977, p.44) confidencia: "Bem o jeito mesmo é começar fazendo uma confissão: a de que sou um pouquinho covarde, tenho meus medos. E você vai rir de mim quando souber de que é que receio tanto." Nesse trecho, podemos perceber como a autora seduz o leitor, ele está inserido na história, é confidente da narradora e íntimo o suficiente para compartilhar seus segredos e dar seu ponto de vista acerca das histórias que serão contadas.

A história dessa obra origina-se na oralidade, Clarice reúne lendas e fábulas da tradição oral e as reconta à sua maneira. O livro traz doze contos, um para cada mês do ano, e nele Clarice fala de lendas que contam a história das matas, dos animais e dos indígenas. São contos sobre a origem dos personagens que fazem parte do folclore e, na narrativa que corresponderia ao mês de dezembro, um conto de Natal.

As narrativas são repletas de personagens espertos e que tiram vantagem dos outros para alcançarem seus propósitos, como o sapo que vai parar na festa do céu ou a velha egoísta que quer comer uma fruta sozinha, mas só o jabuti foi capaz de vencer sua astúcia.

Os contos são escritos em primeira pessoa e Clarice, a narradora, se coloca na história e conta ao leitor as aventuras e peripécias dos personagens como se tivesse vivenciado cada uma das narrativas. O leitor é convidado a ser co-autor da história e desvendar os segredos que nem a autora conhece. Como no conto "*O pássaro da sorte*" em que Clarice (1977, p.21) afirma: "Como é que se espalhou que o uirapuru dá sorte? Ah, isso não sei, mas que dá, dá!". Nesse trecho a autora revela que não sabe ao certo como o segredo do pássaro se espalhou, cabe ao leitor ir atrás de respostas, ao invés de se conformar deve descobrir.

No prefácio dessa obra, Clarice discorre sobre a força do sonho, a autora acredita que a vida real, por vezes, não consegue superar aquilo que é vivenciado em sonhos. A cada devaneio nossa mente nos mostra o poder da criação e como somos capazes de criar narrativas naturalmente enquanto dormimos. Clarice vai além ao explicar ao leitor o que é uma lenda:

Refletindo sobre a força das lendas e das histórias contadas e recontadas de pais para os filhos e como essa herança literária traduz a cultura de um povo. Ao trazer à tona essa riqueza em forma de cultura nos faz refletir sobre como a privação de educação e de cultura reflete diretamente nos aspectos sociais do indivíduo.(LISPECTOR, 1977, p. 06)

O que é a lenda, se não, o sonho coletivo de um povo que, através dessas histórias trazidas da oralidade, reafirma sua identidade por meio de personagens e cenários conhecidos ou que fazem parte do imaginário popular.

Os contos dessa obra trazem reflexões acerca da vida em sociedade: de forma honesta, como lhe é peculiar, ou seja, confessando suas limitações e fraquezas humanas, Clarice traz para os leitores suas percepções tão distintas num cenário repleto de personagens míticos. Expõe de maneira simples e profunda inquietudes da vida adulta às crianças, com sinceridade e sem subjugar sua compreensão como podemos conferir no trecho que segue:

Será que a moral desta história é que o bem sempre vence? Bom, nós todos sabemos que nem sempre. Mas o melhor é a gente ir-se arranjando como pode e dar um jeito de ser bom e ficar com a consciência calminha. (LISPECTOR, 1977, p.41)

Indo de encontro ao tradicional “felizes para sempre” dos contos de fadas, Clarice fala com franqueza ao leitor de que o mundo tem injustiças, porém cabe a cada membro da sociedade ser bom para que essa seja melhor. A escritora sabe que, a sua maneira, cada um de seus pequenos leitores entenderão a realidade difere daquilo que é mostrado nos contos de fadas. Sua obra infantil não é vasta, contudo, tem densidade em seu texto, podemos afirmar, concordando com Barbosa, que:

Pelo que se lê nos seus livros de literatura infantil, podemos situar Clarice Lispector ao lado de grandes nomes que representam a literatura infantil brasileira, não por ter sido uma escritora dedicada à literatura infantil, mas por contribuir, embora timidamente, com essa nova forma de escrever texto para criança. Com uma pequena obra direcionada a esses leitores, ela, com seus cinco livros (citados anteriormente), deixa a sua parcela de contribuição para a produção literária, constituindo, antes de tudo, como um espaço que abriga a imaginação, o sonho, a criação, a reflexão e o prazer/fruição. (BARBOSA, 2008, p.45)

A leitura das obras clariceanas é um convite às aventuras vividas por personagens que já se fazem presentes nas fábulas seculares e moralizantes (até em uma cultura marginalizada como a indígena e de extração oral) e destacam-se, nesse universo, os animais que estão presentes na literatura infantil. Porém, a autora afasta-se do lugar comum que visa ensinar a diferenciar o certo e o errado através da antropomorfia. Suas obras infantis trazem animais que vivem peripécias e convidam o leitor e sua família a fazer o mesmo, e cabe ao leitor atribuir sentidos àquilo que foi vivenciado pelos personagens.

Logo que iniciamos a leitura do conto “*Alvorço de festa no céu*”, por exemplo, percebemos a presença de características antropomórficas nos animais como numa fábula tradicional. O sapo, protagonista do texto, através de sua esperteza, consegue meios para chegar até a festa para a qual não fora convidado e num local onde apenas as aves teriam acesso.

Subverte-se o teor moralizante da fábula quando Clarice (1977, p.17) diz: “O sapo, bem feliz, caiu no lago e salvou-se. Moral da festa? Bem, não houve.” Ao finalizar a narrativa sem um julgamento moral sobre as atitudes do sapo, Clarice deixa a cargo do leitor a reflexão sobre até onde devemos ir e quais meios utilizar

para chegarmos aos nossos objetivos. A escritora não menospreza a inteligência das crianças, pelo contrário, ela acredita que o pequeno leitor será capaz de desvendar as entrelinhas da sua escrita. Ao se dirigir diretamente ao leitor traz para narrativa um tom informal, um convite para o diálogo e para a troca de vivências. Quando confessa seus medos e crenças, deixa o espaço afetivo na leitura, para que a criança se sinta à vontade para fazer o mesmo. Neste trecho Clarice confessa:

Aconteceu uma coisa que só acontece quando a gente acredita: as mães caíram no chão, transformando-se em onças. Quanto aos curumins, como já não podiam voltar para a terra, ficaram no céu até hoje, transformados em gordas estrelas brilhantes. Mas, quanto a mim, tenho a lhes dizer que as estrelas são mais do que curumins. Estrelas são os olhos de Deus vigiando para que corra tudo bem. Para sempre. E, como se sabe, sempre não acaba nunca. (LISPECTOR, 1977, p.12)

Como podemos perceber, Clarice dá ao leitor o poder da escolha de acreditar ou não na verossimilhança contida na narrativa. Nesse momento, podemos examinar como leitores nossas impressões acerca do texto. A autora vai além e divide ainda com o leitor sua percepção de que estrelas são muito mais que aquilo que foi dito no conto, “são os olhos de Deus”. Ora se o próprio narrador tem seu ponto de vista acerca da história que foi contada, o leitor também é convocado a refletir e criar suas próprias ideias. De acordo com Barbosa:

Lispector trouxe para a literatura infantil brasileira todo seu talento narrativo, apresentando ao pequeno leitor um outro narrador, já comum em sua escrita para adultos, e uma nova possibilidade de leitura, a de ser chamado para dentro da narrativa, a de ser personagem junto com o narrador. (BARBOSA, 2008, p.48)

No que diz respeito ao contexto escolar, em geral, a obra clariceana só chega até os educandos no ensino médio, em um recorte limitado a alguns títulos ou contos isolados em sua produção para adultos. Nas aulas de literatura suas obras são apresentadas aos alunos como uma leitura complementar e por vezes apenas com o objetivo de agregar conhecimentos para realização de provas escolares e exames para faculdade. Essa introdução é impositiva e descuidada, resultando num leitor, por vezes, insatisfeito, incapaz de apreciar o texto literário e que na maioria das vezes recorrerá a resumos para dar conta do volume de leitura imposto pela instituição de ensino.

Acreditamos que o mesmo pode ocorrer durante o processo de letramento literário dos educandos do ensino fundamental. Visto que alguns textos visam apenas discipliná-los, como afirma Dinis:

O mesmo conflito está nas preocupações que perpassam o mundo da criança em idade escolar que entra em contato com os textos de Clarice Lispector, já que essa criança está sendo socializada para a internalização das regras do mundo adulto com a perda do prazer lúdico e sua inserção em um sistema no qual muitas vezes terá que fazer o que não gosta. No entanto, pensamos que a grande contribuição dos textos de Clarice Lispector está mesmo na escuta que dá ao mundo dos afetos, da imaginação, da criatividade; enfim, do desejo da criança. (DINIS, 2003, p.15)

Com isso defendemos que o processo de letramento literário pode ser feito de maneira leve para os alunos e utilizando-se como principal ferramenta o texto

literário. A introdução dos textos clariceanos pode ser feita ainda no ensino fundamental, de forma lúdica e prazerosa. Veremos no próximo tópico algumas estratégias de ensino de literatura e propostas de atividades a serem aplicadas em sala de aula utilizando a obra “*Doze lendas brasileiras: como nasceram as estrelas*”.

5. Estratégias de letramento literário e formação do leitor

Quando falamos de ensino de literatura algumas estratégias já são usuais, o livro didático traz um roteiro pré-definido do que pode ser feito pelo professor em sala de aula. Discutem-se as principais características da escola literária e seus autores, demonstram-se essas características através da análise de trechos do texto, analisa-se o contexto histórico em que a obra foi escrita para que a associação entre contexto e escola literária seja entendida.

Indo um pouco além do livro didático, por vezes, os alunos são convidados a compartilharem suas opiniões sobre obra e texto em debates; produções textuais, como resumos e resenhas, dramatizações e júri simulado. De acordo com Cosson (2009) uma sequência de atividades deve ser planejada e executada, para que haja de fato o letramento literário dos estudantes. Todavia devemos ter consciência que uma sequência didática deve ser flexível para atender as demandas da turma que podem ser diversas, desde o envolvimento dos alunos, o interesse do professor ou a dinâmica gerada pelas perguntas e opiniões da turma. Destacamos sobretudo o papel do docente no que tange atividades de leitura como mediador autônomo e crítico, se furtando a executar manuais diretivos de literatura.

Estas sequências podem ser básicas ou expandidas. O autor recomenda o uso da sequência expandida com professores e estudantes de ensino médio e por isso nos concentramos na sequência básica. Nessa modalidade o professor interage com os alunos em quatro momentos como veremos a seguir.

O primeiro momento é a motivação: consiste no planejamento de atividades lúdicas e jogos os quais devem possuir ligação com a temática central do texto literário. Podemos iniciar a aula levando os estudantes para biblioteca da escola para que consultem livros previamente separados cuja história tenha animais como personagem principal. A seguir, a partir da leitura das orelhas e quarta capas dos livros, os alunos serão convidados a classificar em que gênero textual acreditam que aquela obra se encaixa (previamente esclarecidas e estabelecidas as noções de conto ou fábula). Os estudantes, então, serão guiados até a estante à qual pertencem os livros retirados. Na sala de aula, o professor e os alunos farão a leitura, por exemplo, do conto *Alvorço de festa no céu* para mostrar a estrutura do texto (aqui, associado como conto e suas divergências ao que se entende como fábula, que deve ser ponto de debate), suas características e debater sobre a temática do texto.

Depois a um momento nomeado introdução, quando o profissional apresenta autor e obra além da relevância desse estudo. Cosson (2009) reitera que esse momento deve ser breve. O professor deve fazer uma sondagem com os estudantes sobre seus conhecimentos sobre o autor e a obra, fazendo um apanhado de informações de forma introdutória. Em *Doze lendas brasileiras: Como nasceram as estrelas*, o prefácio da obra é escrito pela própria Clarice Lispector e os alunos

podem fazer a leitura e compartilhar suas percepções acerca do que foi lido e discutido com o professor em sala de aula.

A seguir temos a etapa de leitura que pode ser feita em sala de aula, ou em caso de obras mais extensas em outros espaços. Nessa etapa o professor deve acompanhar a leitura dos alunos e promover momentos para debates de temas que guardem proximidade com a obra escolhida. Durante a leitura do conto “*Negrinho do pastoreio*”, o professor pode levar para sala de aula o poema “*O direito das crianças*” de Ruth Rocha (como uma sugestão de como um texto se relaciona com outros e a leitura se configura como uma rede) e debater com os alunos sobre o trabalho infantil e os direitos da criança e do adolescente. No poema de Ruth Rocha a autora defende os direitos básicos da criança como podemos ver no trecho a seguir:

Criança tem que ter nome
Criança tem que ter lar
Ter saúde e não ter fome
Ter segurança e estudar.

Não é questão de querer
Nem questão de concordar
Os direitos das crianças
Todos tem de respeitar.

Tem direito à atenção
Direito de não ter medos
Direito a livros e a pão
Direito de ter brinquedos.
(Ruth Rocha, 2002)

A autora ainda vai além e defende que todas as crianças além dos direitos que lhes são garantidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (doravante ECA) tem direito a ludicidade, direito a brincadeira a ter sua infância salvaguardada. Diferente daquilo que é retratado na lenda do “*Negrinho do Pastoreio*” por Clarice Lispector como podemos conferir no seguinte fragmento:

Não conhecia pai ou mãe e dizia que Nossa Senhora era sua madrinha. Apanhava do patrão e do filho que não era brincadeira. O homem ruim tinha um cavalo baio muito bonito e veloz e um estancieiro vizinho desafiou-o dizendo: – Será que esse cavalo baio é bom na corrida? Já se sabe quem ia montar o baio sem sela: o Negrinho, é claro. Mas infelizmente o baio perdeu na corrida e o Negrinho levou uma surra que eu vou te contar. E como se não bastasse, mandaram-no tomar conta da tropilha do patrão. Era de noite, Negrinho estava todo machucado e com medo dos bichos que pudessem se chegar. (LISPECTOR, 1977, p.40)

A narrativa Clariceana retrata o cotidiano de muitas crianças submetidas ao trabalho escravo. Trazendo esse exemplo para nossa época podemos debater sobre o trabalho infantil, as condições análogas a escravidão que muitas crianças são submetidas ao trabalharem em casas de farinha e carvoarias, por exemplo, e também a violência contra a criança. Todos esses fatores ferem os direitos das crianças citados no ECA e no poema de Ruth Rocha e convocam os alunos a debater sobre a sua realidade, a realidade de outros brasileiros, má distribuição de renda, injustiça social e a meritocracia.

A fábula “*A raposa e o corvo*” de Esopo pode, também, ser trazida para sala de aula no momento da leitura do conto “*As aventuras de Malazarte*”, seguindo-se a estratégia de conectar obras literárias que dialogam entre si, quando serão confrontadas as narrativas e os estudantes falarão sobre suas percepções sobre a personalidade dos personagens e seu caráter e conduta. Também devemos chamar atenção para como a moral da história difere em ambos os textos. No texto de Esopo temos uma moral que desabona a conduta da Raposa e influencia o julgamento do leitor como veremos no trecho:

Os que se deixam convencer com palavras lisonjeiras, como eram as desta Raposa, não é de admirar que cometam os maiores desatinos, como o Corvo fez. Quem, sem ter qualidades, vê louvar-se, entenda que não são louvores, senão laços que lhe armam para o enganarem; porque palavras dóceis são sempre suspeitas, e quanto melhor se aceitam, mais prejudiciais são. São engodo que o caçador faz para nos apanhar e por meio desse ardil vem a alcançar de nós o que desejava. (ESOPO, 2013, p.71)

Como podemos perceber temos a clássica fábula moralizante com o desfecho e moral que visam disciplinar as ações do leitor. Já o conto “*As aventuras de Malazarte*” possuem uma moral que leva o leitor a refletir sobre as peripécias do protagonista. Após o desfecho da narrativa em que Malazarte vende o urubu tirando proveito por ser dia 1º de abril, Lispector (1977) diz :“Moral: mais vale uma porta desvalida e esperteza de Malazarte, que uma casa inteira para quem não tem arte.” A afirmação da autora não reprova as atitudes do personagem, fica a cargo do leitor então a reflexão sobre as atitudes de Malazarte e os limites impostos pela ética e moral na vida em sociedade.

Já na leitura do conto “*Do que eu tenho medo*”, por exemplo, o professor pode levar o capítulo “*Tio Barnabé*” do livro “*O Saci*” de Monteiro Lobato. Através das histórias de tio Barnabé , Monteiro Lobato (2019) demonstra a percepção que os moradores do meio rural tem do Saci, por exemplo:

— O saci — começou ele — é um diabinho de uma perna só que anda solto pelo mundo, armando renações de toda sorte e atropelando quanta criatura existe. Traz sempre na boca um pito aceso, e na cabeça uma carapuça vermelha. A força dele está na carapuça, como a força de Sansão estava nos cabelos. Quem consegue tomar e esconder a carapuça de um saci fica por toda vida senhor de um pequeno escravo. (LOBATO, 2019, p.16)

Os alunos poderão comparar a abordagem de cada um dos escritores, seu estilo de escrita e discutir sobre a vida nos centros urbanos e no campo e a influência das lendas no cotidiano dos habitantes de cada um desses ambientes, entre diversas outras discussões possíveis.

Clarice (1977) por meio de sua narrativa apresenta ao leitor, do meio urbano, o Saci que pode ser desconhecido suas peripécias e histórias. Como podemos conferir no seguinte trecho:

Você é provavelmente de cidade e não me acredita. Mas que nas matas tem saci, lá isso tem. E eu garanto essa verdade que até parece mentira, garanto – porque já vi esse meio-gente e meio-bicho. E para que você acredite em mim, vou descrevê-lo: ele é um diabinho de uma perna só (apesar de miraculosamente cruzar a perna). Dou a você como garantia minha palavra de honra. E ele anda sempre com um cachimbozinho.” (LISPECTOR, 1977, p.44)

Podemos compreender a preocupação da escritora em apresentar o Saci às crianças da cidade se buscarmos entender o contexto em que a maioria delas vive. As histórias e lendas tradicionalmente originárias da oralidade tendem a se perder sem um registro formal. As crianças, sobretudo as que ainda não foram alfabetizadas, dependem de um leitor adulto para ter acesso a essas histórias e o cotidiano caótico da cidade, a modernidade, as multitarefas, a falta de tempo para ser criança, a necessidade de resolver tudo com rapidez e sem momentos para contemplar a leitura as afasta das leituras dando lugar a presença de telas, seja de *smartphones*, computadores e televisores.

As propostas de atividades apresentadas são apenas algumas possibilidades de como explorar a obra de Clarice Lispector. Ressaltamos que é, sobretudo, importante dar espaço para que os alunos argumentem sobre seus pontos de vista.

Por fim, ainda seguindo a proposição de Cosson, temos a etapa de interpretação: os alunos devem compartilhar sua percepção total da obra. Podem ser feitos diários de leitura, resenhas, *podcasts*, *Booktoks*, entre outras possibilidades.

6. Considerações finais

O caminho que o leitor percorrerá em sua jornada pelo universo literário leva a muitos destinos e a escolha desses destinos é individual. Contudo, o primeiro passo para que essa caminhada tenha sucesso deve ocorrer junto com a família e os professores. O ambiente escolar, sobretudo as aulas de língua portuguesa, são o espaço em que esses alunos terão o prazer de vivenciar a intimidade com os textos e a riqueza da linguagem que é capaz de comunicar, traduzir sentimentos, despertar desejos e reivindicar direitos.

O direito à literatura é também o direito à arte, a compreender a vida por diversos ângulos, é o poder de experimentar a realidade do outro e compreender suas falas, reivindicações e anseios. Um direito que foi garantido às elites e negado por muitos anos aos escravos com a justificativa de que aquele que lê a bíblia pode também ler manifestos abolicionistas. Ler é empoderar-se e garantir alicerce ideológico para argumentar as próprias ideias.

O letramento literário é discutido na escola, na academia e na BNCC. O espaço da literatura é exaustivamente questionado desde os anos 1970, quando o Brasil adota o projeto educacional de ensino de língua portuguesa através da comunicação e expressão e, com o avanço da tecnologia e dos recursos digitais, a importância da disciplina de literatura é cada vez mais posta em xeque.

Como dito ao longo deste artigo, o leitor e o ato de ler não são instintivos. Para formar-se leitor é necessário ter acesso ao texto, que nem sempre é uma realidade para a maioria da sociedade brasileira, ainda mais quando os impostos sobre livros aumentam sob a justificativa de que “livro é coisa de rico”. Será mesmo que o livro é coisa de rico ou os governantes utilizam a mesma lógica dos imperialistas para manter o povo longe de um saber que as elites julgam como ameaça?

No tocante à formação do leitor e no caráter subversivo da leitura, defendemos que é de suma importância o estudo do texto literário. Posto que é através dele que podemos analisar e vivenciar a realidade do outro e a partir desse exercício questionarmos a nossa realidade e papel na sociedade. É preciso ler para entender as armadilhas e a doçura da língua. É preciso formar leitores para desafiarem as normas vigentes e tomarem para si a responsabilidade da mudança política, educacional e social do país.

7.Referências

- BARBOSA,V. M.C. **A literatura de Clarice Lispector para criança: um convite à infância**. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, p.122. 2008.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- BRASIL. República Federativa do Brasil. **Orientações curriculares para o ensino médio. Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. vol. 1. 239 p.
- CÂNDIDO, A. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males : Revista do Departamento de Teoria Literária**, São Paulo, n. esp., p. 81-89, 1999.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- DINIS, N. F. **Pedagogia e literatura: crianças e bichos na literatura de Clarice Lispector**. **Educar**, Curitiba, n.21, p. 271-286.2003. Editora UFPR
- ESOPO. A Raposa e o Corvo. In: **Fábulas de Esopo**. Tradução Carlos Pinheiro. 2a. ed.,p.69-71,São Paulo: Publifolhinha, 2013.
- LISPECTOR, C. **Doze lendas brasileiras: como nasceram as estrelas**. Rio de Janeiro: Rocco digital, 2015.
- LOBATO, M. Tio Barnabé. In: **O Saci** nº 977, p. 20-23,São Paulo: Iba Mendes Editor Digital,2019.
- MANGUEL, A. Como Pinóquio aprendeu a ler. In: **À mesa com o chapeleiro maluco: ensaios sobre corvos e escrivainhas**. Tradução Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das letras, p.38-50, 2009.
- PERRONE-MOISÉS, L. O ensino da literatura. In: **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, p.56-66, 2016.

ROCHA, R. O direito das crianças. In: **Os direitos das crianças segundo Ruth Rocha**. Ilustração de Eduardo Rocha. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. 19a. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

WILDE, O. **O Retrato de Dorian Gray**. Rio de Janeiro: L & PM, 2001.